

Lição 13: Características que devem estar presentes nos itens que constituem a definição que significa a essência de uma coisa

“ a22. discutamos agora — a24. Dos atributos — a32. São tais atributos — a34. Por exemplo, toda tríade — b2. Ora, uma vez que mostramos — b6. Ademais, que a síntese

Após mostrar como o *quod quid* e o *propter quid* se relacionam com a demonstração, o Filósofo agora mostra como podem ser investigados. Primeiro, como o *quod quid* deve ser investigado. Segundo, como o *propter quid* deve ser investigado (98a1) [L. 17]. Sobre o primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, declara sua intenção. Segundo, a desenvolve (96a24). Diz, portanto, primeiro (96a22) que, após mostrar como o *quod quid* é reconhecido e como o *quod quid* ou *propter quid* é tomado como termo médio na demonstração, devemos agora indicar como investigar aqueles itens que são predicados no *quod quid*. Então (96a24), ele expõe sua proposta. Primeiro, indica quais características devem estar presentes nas coisas que são aceitas como constituindo o *quod quid*. Segundo, como investigá-las (96b15) [L. 14]. Sobre o primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, apresenta uma certa divisão. Segundo, propõe quais devem ser as características das coisas que são tomadas como constituindo o *quod quid* (96a32). Terceiro, prova (96b2).

Quanto ao primeiro ponto (96a24), deve-se notar que as coisas predicadas no *quod quid* devem ser tais que sejam predicadas sempre e universalmente, como foi estabelecido acima. Tomando, então, aquelas coisas que são predicadas de cada coisa no sentido de *sempre*, ele diz que encontramos entre elas certas que se aplicam a mais do que aquilo em que estão presentes, mas não a ponto de serem encontradas fora daquele gênero.

(Ele explica o que significa *aplicar-se a mais*, dizendo que aquelas coisas são ditas aplicar-se a mais que estão de fato universalmente presentes em algo, mas não apenas nele, e sim também

em outras coisas). Isso implicaria que há outro membro oposto que se aplica a mais, mas está fora do gênero. Ele dá um exemplo do primeiro caso, dizendo que há algo que está presente em todo *três*, bem como em *não-três*, como é obviamente verdadeiro do *ser*, que está universalmente presente não apenas no *três*, mas em outras coisas; e não apenas no gênero do número, mas mesmo em coisas fora do gênero do número. O *ímpar*, contudo, é encontrado em todo *três* e em mais coisas, porque é encontrado também em *cinco*; no entanto, não é encontrado fora do gênero do *três*, a saber, o número, porque mesmo o *cinco* está no gênero do número. Pois nada fora do gênero do número pode ser chamado de *ímpar*.

Então (96a32), ele mostra quais devem ser as características das coisas que são tomadas como constituindo o *quod quid*. Primeiro, propõe sua intenção. Segundo, a esclarece com exemplos (96a34).

Ele diz, portanto, primeiro (96a32) que, para manifestar o *quod quid*, devemos tomar itens que sejam tanto *sempre* quanto *aplicáveis a mais* (mas não fora do gênero), até que o termo seja alcançado. E eles devem ser selecionados de modo que cada item, quando tomado primeiro, se aplique a mais, mas quando todos são tomados juntos, a combinação não se aplique a mais, e sim seja convertida com a coisa cujo *quod quid* se busca. Pois o *quod quid* de uma coisa deve significar sua essência.

Então (96a34), ele manifesta o que havia dito com um exemplo. Tomemos, portanto, estes quatro, a saber: *número*, *ímpar* e *primo* em ambos os sentidos. Pois há dois sentidos em que um número é dito *primo*: de um modo, porque não é dividido por nenhum outro número, em oposição ao *quatro*, que não é um número primo, pois pode ser dividido por *dois*; o *três*, contudo, é um número primo, porque não é dividido por nenhum outro número exceto *um*. De outro modo, um número é chamado *primo* porque não é composto de outros números, em oposição ao *sete*, que é primo no primeiro sentido, porque não é dividido por nenhum outro número exceto *um*, mas não é *primo* no segundo sentido, pois é composto de *três* e *quatro*. O *três*, no entanto, não é composto de vários números, mas apenas do número *dois* e *um*.

E assim é óbvio que cada uma das quatro noções mencionadas pertence universalmente a todo *três*, embora cada uma delas seja também encontrada em outras coisas no gênero do número. Pois *número* e *ímpar* são encontrados em todos os números ímpares; mas o quarto, i.e., ser *primo* em ambos os sentidos, pertence também ao *dois*, que não é dividido por nenhum outro número nem composto de números, mas apenas de unidades; portanto, quando todos são reunidos, eles significam o *quod quid* do *três*.

Mas a exigência de que cada parte da definição se aplique a mais do que a definição parece supérflua. Pois o Filósofo diz na *Metafísica* VII que, quando se alcançam as diferenças últimas, essas diferenças serão iguais à espécie; portanto, não é necessário que a diferença se aplique a mais coisas do que a espécie. Isso também pode ser provado com um argumento. Pois o Filósofo diz na *Metafísica* VIII que uma formalidade baseada em diferenças parece ser da espécie e do ato, isto é, da forma; porque, como ele diz no mesmo lugar, a diferença corresponde à forma. Mas cada espécie tem sua própria forma apropriada, que não pertence a nenhuma outra espécie. Portanto, parece que a diferença última não excede a espécie.

Além disso, o Filósofo na *Metafísica* VII diz que não há mais em uma definição do que gênero e diferenças, e que é possível formar uma definição a partir de duas coisas, uma das quais é um gênero e a outra uma diferença. Mas uma diferença não pode ser encontrada fora de seu gênero apropriado; caso contrário, não dividiria o gênero *per se*, mas *per accidens*. Portanto, parece que a diferença não excede a espécie.

Mas deve-se responder que, se alguém pudesse descobrir a diferença que tornasse conhecida a forma substancial da espécie, então, como os argumentos provam, a diferença última não se aplicaria a mais coisas do que a espécie. No entanto, porque as formas essenciais não nos são conhecidas *per se*, elas devem ser reveladas através de certos acidentes que são sinais dessa forma, como é dito na *Metafísica* VIII. Contudo, não se deve tomar o *per accidens* próprio daquela espécie, porque são eles que serão demonstrados pela definição da espécie; antes, a forma da espécie deve ser tornada conhecida por certos acidentes que são mais comuns. Portanto, de acordo com isso, as diferenças que são usadas são de fato chamadas substanciais, na medida em que são aduzidas para declarar a forma essencial; mas são mais comuns do que a espécie, na medida em que são tomadas de sinais que seguem gêneros superiores.

Então (96b2) ele explica o que disse acima. Primeiro, a afirmação de que os itens mencionados acima devem ser predicados universal e necessariamente de três. Segundo, que a própria essência de três é constituída por esses itens (96b6).

Ele diz, portanto, primeiro (96b2) que, uma vez que foi estabelecido acima que itens que são predicados em *quod quid* estão presentes necessariamente, e tudo o que está presente necessariamente é predicado universalmente, segue-se que, quer esses itens tomados da maneira acima indicada sejam predicados como *quod quid* de três ou de qualquer outra coisa, é necessário que sejam predicados necessária e universalmente.

Então (96b6) ele mostra que, a partir das coisas tomadas da maneira acima mencionada, a essência de três ou de qualquer outra coisa é constituída; pois é necessário que, se os itens mencionados acima não são a substância de três, eles sejam seu gênero, nomeado ou não nomeado, já que são predicados em *quod quid*. Pois nem toda formalidade tem um nome. É por isso que existem muitos gêneros e espécies sem nome. No entanto, a razão pela qual a formalidade acima é o gênero de três, se não significa sua essência, é que tudo o que é predicado em *quid* é ou o gênero ou a definição que significa a essência. No entanto, não pode ser o gênero; caso contrário, se aplicaria a mais coisas do que as de três: pois assumimos que um gênero é algo que contém potencialmente várias espécies sob si. Mas estabelecemos que a mencionada formalidade se aplica apenas aos átomos, isto é, aos indivíduos contidos sob três. Portanto, o que resta é que a formalidade em questão é a definição que significa a essência de três. Pois a essência de uma coisa é suposta ser aquilo que é encontrado nos indivíduos dessa espécie ultimamente, de acordo com o modo de predicação descrito acima. E o que foi dito sobre três também se entende de quaisquer outras coisas sobre as quais algo é demonstrado ser o mesmo da maneira indicada acima.